



Ajudemos a Espanha em Portugal!

Só com a derrota do fascismo, reconquistaremos a Independência de Portugal

O que se tem passado na Europa, nestas duas últimas semanas, deve chegar para abrir os olhos a todos os portugueses, mesmo aqueles que por teimosia persistem em os conservar fechados.

Há quatro séculos, existiu na Europa um grande império, o império de Carlos V, que, além de juntar dentro das suas fronteiras todos os povos da língua alemã, tinha, também, a Espanha, a que Portugal se associou, sob o seu filho Filipe II.

Hitler quer reconstituir esse império.

Todos os homens livres o tinham previsto, apesar de muitos, ingenuamente, terem suposto que a solidariedade internacional não era uma palavra vã e que, quando ele quizesse dar o salto à Austria, essa solidariedade se manifestaria, fazendo-o recuar.

Os acontecimentos acabam de esmagar duramente todos esses sonhos. Hoje, todos vemos qual a sorte que espera os pequenos países que não tenham sabido defender-se. Ai daqueles que, pela sua posição estratégica, pelas suas riquezas naturais ou por quaisquer outros factos, se tornem prêsas cubiçadas dos grandes países totalitários!

O esmagamento e a humilhação duma Austria e duma Lituânia, são exemplos bem sangrentos para deixarem dúvidas.

Todas as pequenas nações estão neste momento ameaçadas. A Tchecoslováquia já recebeu o aviso do assalto, e até a pequena Suíça o espera apavorada.

Pode Portugal, num tal ambiente, dormir descançado?

Hitler emprega todos os seus esforços para dominar a Espanha, que foi a cabeça do império de Carlos V a que já nos referimos. Mas a Espanha não tem colónias e Hitler também quer colónias. Portugal tem magníficas colónias e o porto de Lisboa é a grande porta da Península para o Atlântico. As suas ilhas adjacentes são pontos estratégicos excepcionais para o domínio dos mares numa guerra mundial. Por isso Hitler não dispensa Portugal dos territórios a conquistar.

Justificação? A mesma que aplicou à Austria. Diria às grandes nações da Europa, que corajosamente não reagiriam — como não reagiram perante o assalto à Austria e à Lituânia — que Portugal, apesar de há oito séculos ser uma nação independente, tem uma língua e tradições semelhantes às dos outros povos da Espanha, por isso faz parte da grande família Ibérica. A sua conquista, depois

de conquistada a Espanha, seria uma questão interna com que os outros países nada teriam.

Se o povo tentasse reagir, o agente de Hitler — Salazar, que desempenha as funções que Seiss Inquart desempenhou na Austria — chamaria o exército e a aviação alemães que estivessem na Península, e nós seríamos irremediavelmente esmagados.

E' esta a perspectiva que temos

na frente. Como reagir? Como salvar-nos?

A situação de Portugal como nação independente e livre é cada vez mais precária. O fascismo internacional, contando com a impunidade com que tem cometido todos os seus crimes, fará o assalto quando o achar oportuno. Por enquanto prepara o terreno, por meio dos seus agentes do interior, que manobram todas as forças

nacionais através dum aparelho fortemente montado.

A imprensa, com o seu poder orientador da opinião pública é toda fascista ou anti-fascista, e se algum jornal ainda tenta defender os interesses nacionais, lá está a mordada da censura, para proibir umas notícias e impôr a publicação de outras. O que o povo português pode conhecer de política internacional, é apenas o que a agência alemã DNB quer que ele saiba.

As estações de Rádio, as grandes envenenadoras da opinião pública, especialmente o Rádio Club da Parede, são instrumentos às ordens de Hitler e Mussolini.

As colónias portuguesas se não estão inteiramente nas mãos dos alemães, a sua vida económica pertence-lhes.

E para esmagar qualquer tentativa de libertação, mantêm uma fortíssima polícia política, orientada pela Gestapo, e Hitler organizou as «Secções de Assaltos» que se chamam aqui «Legião Portuguesa».

Como agir? Como salvar-nos? A nossa salvação está dependente da salvação da Espanha. O que fizermos para salvar a Espanha reflecte-se fatalmente na salvação de Portugal, como o que deixarmos de fazer será sempre em prejuízo nacional.

O nosso país é a rectaguarda dos exércitos fascistas que combatem contra a Espanha. Rectaguarda que os mantém à custa da miséria e exploração do povo português.

Enfraquecendo esta retaguarda nós enfraquecemos a força fascista. Como agir?

Expulsando os vendilhões da Patria. Organizando uma ampla Frente Popular, em que todos os portugueses, todos os patriotas, todos os que odeiam Miguel de Vasconcelos e consortes, se unam para a defesa do PAO, DA PAZ, da LIBERDADE e da INDEPENDENCIA de Portugal.

Lutando unidos venceremos. E esse será um golpe profundo no fascismo internacional, pois, vencida a rectaguarda, mais fácil será aos nossos vizinhos espanhóis vencerem na frente. E só assim consolidaremos a nossa vitória, porque vencer o fascismo em Portugal sem o ter vencido em Espanha é manter sobre a cabeça de todos os portugueses a ameaça da colonização hitleriana. Por isso há que agir e agir depressa. As duas vitórias completam-se.

Para julgar cadáveres!...

Uma local nos jornais diários, veio lembrar ao país que os infelizes camponeses da Madeira, revoltados e presos em Agosto de 1936, tinham de ser julgados pelos juizes fardados do T.M.E.

Depois da terrível repressão, com que as espingardas das forças da «ordem» salazarista abateram 10 aldeões e feriram muitos outros, depois da costumada barbaridade da tortura policial, que matou uma mulher grávida e foi «descobrir» o malogrado Pestana Garcez «enforcados» no calabouço, vamos assistir ao funcionamento da guilhotina judicial, que se transportará aos Açores e a Elvas.

O «trabalhinho» repelente do odiado Capitão Pedreira e da sua brigada de esbirros, vai ficar completado com as sentenças do Tribunal Militar Especial. Os camponeses ilhéus, na sua maioria analfabetos, longe da família e dos amigos, sem meios de defesa, serão certamente condenados.

Entretanto, o seu julgamento vem preparando-se, há mais dum ano, de molde a não ter repercussões escandalosas. E' preciso levar ao tribunal homens torturados, incapazes de reagir. Golpes demoralizadores são lhes continuamente vibrados.

Primeiro, o Lazareto do Funchal, onde meteram homens e mulheres com crianças de colo, com um saco de pão torrado e um caldo para todo um dia. Depois a deportação para os Açores, Elvas e Lisboa, onde serão julgados. Salazar não se atreve a levar a farsa da sua justiça à Madeira, à terra dos camponeses que, em Agosto de 1936, afirmaram ao mundo a sua discordância com a politica de traição nacional.

Depois, ainda, amarguraram-lhes a deportação.

Os Madeirenses degredados na Fortaleza de Angra, vivem uma situação mais vexatória ainda do que a de los outros degredados. Encontram-se em regime de trabalhos forçados, freqüentemente espancados pelos carcereiros, que os tratam como a animais. Um serviço achado mal feito é pretexto para o pontapé, para a bofetada ou cavalo-marinho. Para «amenizar» a sua vida de degrêdo, obrigam-nos a ouvir missa todos os domingos. Nunca receberam qualquer nota judicial a esclarecer a sua situação. Estão, portanto, ilegalmente presos há ano e meio, em regime deshumaníssimo. Um grupo de mulheres, também deportadas, foi atirado para as Mónicas, em condições degradantes, separadas das prêsas políticas, para o meio das desgraçadas com que a moral do Estado Novo enche aquela cadeia. Mas, o que é ainda mais revoltante, o que mostra o ódio de Salazar à juventude que não o aplaude, é que, entre elas, está, nas mesmas condições, uma pobre pequena, de 16 anos de idade, a madeirense Tereza da Côte.

Tereza da Côte é menor e é católica, como a maioria dos seus conterrâneos vítimas do ódio salazarista. Mas o que é preciso é que Tereza da Côte, horrorizada e alquebrada pelos sofrimentos, justifique no Tribunal a acção do assassino Capitão Pedreira.

E' necessário que os homens e as mulheres da Madeira compareçam, ante os juizes, já sem alma, cadáveres a balbuciar as suas «culpas».

A CONSCIÊNCIA ANTI-FASCISTA DEVE PROTEGER OS MADEIRENSES QUE VÃO SER JULGADOS. NO TRIBUNAL, DEVERÃO ENCONTRAR POR TRÁS DE SI A NOSSA SOLIDARIEDADE.

IDE ASSISTIR AO JULGAMENTO DOS CAMPONESES DA MADEIRA. RECLAMAI POR ESCRITO A SUA ABSOLVIÇÃO AO PRE-IDENTE DO TRIBUNAL.



A Ditadura em LOANDA

Loanda, a capital da riquíssima Angola, é uma cidade abandonada, onde tudo falta. Em 1935, foi assinado em Lisboa um contrato entre o governo português e a Société Belge d'Épuration et d'Entretien em que esta sociedade se obrigava a apresentar concluído, no prazo dum ano, as obras para a instalação de luz e água para a cidade de Loanda.

Como director técnico da dita sociedade, seguiu para Loanda o engenheiro belga, Vanamonn. Em pouco tempo surgiram valas, canalizações, alicerces de casas, etc. Tudo levava a crer que finalmente Loanda iria ter luz e água para se lavar.

Porém, passados três meses, o Sr. Aguiar, Director da «Luz e Água de Loanda» e encarregado da fiscalização por parte do governo, daquelas obras, por se ter incompatibilizado com o engenheiro Vanamonn—por uma filha deste não corresponder aos seus devaneios amorosos—DESCOBRIU que umas certas casas tinham a frente para o Norte quando num esboço em seu poder estavam voltadas para o Sul. Isto ocasionou uma grande polémica que empatou as obras, tendo acabado por o engenheiro Vanamonn ganhar a questão.

Passaram-se meses e as obras para o abastecimento de águas estavam concluídas. Apresentou-se o engenheiro na Tesouraria de Finanças para receber a primeira prestação devida pelo governo. Responderam-lhe... que não havia verba! Indignado, barafustou, dizendo que a sua Sociedade tinha mais dinheiro do que o governo português.

Prenderam-no mas tiveram que acabar por o soltar.

Na rua, dirigiu-se de novo à Repartição de Finanças, que acabou por lhe pagar, sacrificando a verba destinada aos salários dos funcionários, que ESTIVERAM TRÊS MESES SEM RECEBER!

As obras prosseguiram. De novo se venceu uma prestação. Mais uma vez lhe disseram que não havia verba. Desta vez não barafustou. Resolveu fechar a água, e a cidade que aguentasse. Chamaram-no e com muitas promessas conseguiram que ele tornasse a abrir a água. Não cumpriram o que prometeram, os prazos tornaram a passar. Farto de esperar tornou a fechar a água, até que o governo se resolvesse a pagar.

Loanda continua sem água para se lavar, e a luz continua a ser de petróleo.

Contudo os caixeiros viajantes de Salazar continuam pela Europa a fazer conferências sobre o paraiso financeiro e económico em que vivemos, e Salazar apresenta fantásticos superávits orçamentais.

POR UMA Nova Tipografia

Transporte	1.232\$50
Grupo punhos cerrados n.º2	28\$00
Eterno	5\$00
Do Sr. Reboixo	2\$50
» Robespierre	20\$00
Dois Patriotas	617\$00
Dos dois cadeiras	30\$00
A TRANSPORTAR	1.935\$00

Da Costa de Caparica A voz de Deus na letra redonda

Já se tornou notada a frequência com que o clero português lança apelos à caridade dos seus fiéis por meio da imprensa. Será isso porque os fiéis rareiam nas práticas de Igreja? Dantes o púlpito era o meio adequado para as comunicações dos pastores de almas às suas ovelhas. No entanto não deixa a inovação de ser prática e até simpática. Nos intervalos dos cinemas os fiéis podem agora conhecer a voz de Deus, desdobrando o «Diário de Lisboa». Isto prova—Deus louvado!—que o progresso não é afinal obra exclusiva do Mafarrico.

Além de que o processo vem ajudar bastante à própria obra do Senhor. A caridade precisa de ser recompensada, dizem os doutores da Igreja. Aos caritativos, Deus dará no 'Além a Bemaventurança. Ora praticando-se a caridade por meio dos jornais, a recompensa tem também o seu bônus terreno, porque aqueles que acorrem aos apelos de S.Ex.ªs reverendíssimas, vêem os seus nomes publicados nas mesmas gazetas. Chovem as benções do céu e vendem-se os periódicos!

Vem esta lenga-lenga a propósito dum apelo que o Sr. Prior do Monte da Caparica fez a favor dos seus paupérrimos fiéis nas colunas do «Diário de Lisboa». Descreve aquela autoridade da Igreja a miséria que o inverno introduz nos lares dos pescadores e pede aos fiéis que concorram com esmolas a favor da manutenção das sopas grátis que com muito sacrifício tem fornecido às crianças da região piscatória da sua freguesia.

Já aqui fizemos alusão, por várias vezes, à crise que atinge os pescadores da Costa da Caparica e pedimos para ela as providências adequadas.

O apelo do prior da Caparica vem confirmar o que então dissemos.

Na Caparica há fome em quasi todos os lares. Os pescadores não podem com as frágeis ARTES de que dispõe fazer-se ao agitado mar de inverno. Mas não é só o inverno que é seu inimigo. Os potentados de Lisboa e Setubal, dispondo de colossais meios técnicos, pescam ao largo da Caparica e por esse motivo o peixe foge da Costa. A própria pesca de verão é escassa para os pescadores da Caparica que já nada podem torrar para resistir à penúria invernal. Se os óculos que Sr. Prior pressuroso e magnanimamente junta, podem servir para minorar a fome das crianças, não poderá S. Ex.ª dessa maneira arranjar remédio para as centenas de homens da sua paróquia que sofrem as maiores misérias. Decerto o coração benevolente do ilustre padre os absolverá do pecado da ociosidade em que forçadamente vivem. Mas depois? Estamos aqui a sentir a aflição do eminente prior! Que fazer? S. Ex.ª é um funcionário da Igreja, que considera a miséria necessária para que a caridade—o supremo bem—se exerça. Mas a mesma Igreja condena a ociosidade como um dos peores males, pois é ela a mãe de todos os crimes e de todos os vícios. Que fazer?

Uma das deficiências da Igreja é a de não ter previsto o desemprego forçado, ou seja a decadência do capitalismo. Ainda há pouco o Sr. Arcebispo de Évora, no «Diário de Notícias», lamentava que a pobreza dos seus fiéis o forçasse a encerrar muitas igrejas deixando o verbo de Deus, por esse facto, de ressoar em muitas almas.

Esta confissão vem demonstrar que se a Igreja considera a miséria necessária, ela tem de ser limitada porque, sendo muita, a caridade não chega, o verbo de Deus não se ouve em toda a parte como é mister, e as congruas diminuem.

Estamos certos, que os superiores do Sr. prior da Caparica não se zangam com S. Ex.ª, se é, nestas circunstâncias condenasse aqueles potentados que ambicionando tôdas as fortunas, o que é pecado, vêm pescar ao largo da Caparica, afugentado o peixe deste antigo centro piscatório.

E decerto S. Reverência não cometeria um delito subversivo, se também lembrasse aos poderes públicos que na Caparica não há Casa dos Pescadores, como nos outros centros piscatórios.

Nós, afirmando mais uma vez a nossa solidariedade com os pescadores da Costa, reclamamos que o estado conceda àqueles os meios técnicos que lhes possibilitem a pesca no inverno e só a eles seja permitida a pesca na sua área, como era de lei antes do advento do Estado Novo.

A lei de Hitler e de Mussolini

Dizem os diários que o governo fascista espanhol comunicou ao Governo português que estava disposto a fixar residência numa das ilhas das Canárias ao Sr. Paiva Couceiro.

A infracção do direito internacional é flagrante. O Sr. Paiva Couceiro é um emigrado político e se a sua acção contra o regime português pudesse prejudicar as relações do pretensio estado fascista espanhol com o governo português, as autoridades de Franco apenas tinham uma atitude legal a tomar: expulsá-lo do seu território, pondo-o na fronteira que ele

mesmo escolhesse.

Se Franco não procedeu assim foi porque desconhece as leis internacionais como desconhece as leis morais da honra nacional e do humanitarismo, sendo cumplice da invasão do seu país levada a cabo com todos os requintes selvagens pelas ordas fascistas de Hitler e de Mussolini.

A mesma medida demonstra que a Independência de Portugal terá a sorte da Austria e da Lituânia, se o sentimento patriótico das massas populares, como em 1640, não puzer termo à traição dos modernos Miguéis de Vasconcelos!

Quem são os incendiários?

Não há que ver: a previdência está ao lado dos ricos industrialistas de cortiças, colaborando com eles nos seus interesses.

A indústria das cortiças está inteiramente arruinada, devido à política económica que Salazar adoptou para beneficiar o seu colega Franco. Os industriais sentem-se perdidos, porque a cortiça espanhola, por vontade de Salazar, foi preencher os mercados que a indústria portuguesa tinha conquistado. Era necessário um milagre para salvar os ricos industrialistas da ruína. E o milagre deu-se. Passavam-se anos enquanto a indústria foi próspera, que se não registava um incêndio numa fábrica de cortiça. As companhias de seguros rejubilavam, porque recebiam os prémios sem ter que pagar indemnizações. A indústria arruina-se e os incendios começam a brotar como bolor em paredes húmidas.

Há três semanas anunciamos um incêndio, numa importante fábrica de cortiças, em Vila da Feira, que deixou na miséria umas centenas de operários. Hoje temos que registar novo incêndio, noutra fábrica de cortiça da mesma vila, pertencente ao rico industrial Claudino Dias Rodrigues. São mais duas centenas de operários que ficam na miséria. Com os que trabalhavam na fábrica de Bernardino Gomes, são 500 operários sem trabalho, quinhentas famílias na maior miséria. É isto pela ganância desenfreada dos industrialistas.

Ou serão os comunistas os incendiários?

Amigos do Partido

Amiga do Pai	5\$00
P.P.P.	50\$00
1 maluco	10\$00
Gorki	5\$00
Zola	5\$00
77	5\$00
2 jornais	5\$00
Grupo H.P. (3 semanas)	7\$50
Ceidart	2\$50
Pelagú	6\$00
Zé	2\$00
Tic-tac	10\$00
Vermelhinho	5\$00
N.N.	1\$50
N.N.	2\$50
N.N.	1\$00
Jotó	2\$00
José Anselmo	22\$00
Mealhas	10\$00
Amigos de caxias	167\$00
Da 4.	15\$00
Grupo H.P.	2\$50
TOTAL	340\$70

Listas de auxilio ao Partido

Transp. 1992\$10	Transp. 2032\$60
464. . . 9\$50	476. . . 10\$00
466. . . 8\$50	807A. 6\$80
470. . . 8\$00	968. . . 16\$50
472. . . 14\$50	1289. . . 26\$50
A trans 2032\$60	1305. . . 19\$00
	A trans 2111\$40

Pró CRUZ VERMELHA ESPANHOLA

X 393\$20

Para o S.V.I.
Grupo URSS 8\$00
Grupo N.L. 17\$50

Resposta do camarada Stáline a uma carta do camarada Ivanov, das Juventudes Comunistas

Naturalmente, tens razão, camarada Ivanof, e são os teus adversários ideológicos, isto é os camaradas Urojenko e Kazelkof, quem está em erro. E eis porque:

É certo que a questão da vitória do socialismo, num único país, neste caso no nosso país, tem dois aspectos diferentes.

O PRIMEIRO aspecto da questão da vitória do socialismo, no nosso país compreende o problema das relações entre as classes no interior do país. Este é o domínio das relações INTERIORES. A classe operária do nosso país pode superar as contradições com os camponeses e estabelecer com estes uma aliança, uma colaboração? A classe operária do nosso país pode, em aliança com os camponeses, derrotar a burguesia do nosso país, expropriar-lhe as terras, as fábricas, as minas, etc., e edificar com as suas próprias forças uma nova sociedade, uma sociedade sem classes, a sociedade socialista integral? Tais são os problemas que se relacionam com o primeiro aspecto da questão da vitória do socialismo no nosso país.

O leninismo responde a estes problemas afirmativamente. Lênine ensina que «temos tudo o que é necessário para edificar a sociedade socialista integral». Por conseguinte, podemos e devemos vencer com as nossas próprias forças a nossa burguesia e edificar a sociedade socialista. Trotski, Zinoviet, Kamenef e consortes, que, mais tarde, chegaram a ser espias e agentes do fascismo, negavam a possibilidade de edificar o socialismo no nosso país antes da revolução socialista ter vencido noutros países, nos países capitalistas. Estes senhores queriam, em suma, fazer voltar o nosso país ao caminho do desenvolvimento burguês, encobrindo a sua apostasia com falazes argúcias sobre «a vitória da Revolução» nos outros países. Foi justamente à roda deste ponto que se desenvolveu a dissensão do nosso partido com esses senhores. O curso ulterior dos acontecimentos demonstrou que o partido tinha razão e que Trotski e Companhia não a tinham. Conseguimos, com efeito, liquidar a nossa burguesia, estabelecer uma colaboração fraternal com os nossos camponeses e edificar, no essencial, a sociedade socialista, apesar da revolução socialista não ter vencido nos outros países.

Isto, quanto ao que se refere ao primeiro aspecto da questão da vitória do socialismo no nosso país.

Creio, camarada Ivanof, que a tua controvérsia com os camaradas Urojenko e Kazelkof não diz respeito a este aspecto do problema.

O SEGUNDO aspecto da questão da vitória do socialismo no nosso país compreende o problema das relações do nosso povo com os outros países, com os países capitalistas, o problema das relações da classe operária do nosso país com a burguesia dos outros países. Este é o domínio das relações EXTERIORES, de relações INTERNACIONAIS. O socialismo, vencedor num só país, mas rodeado de numerosos países capitalistas poderosos, pode considerar-se como completamente garantido contra o perigo duma invasão armada (de uma intervenção) e portanto contra as tentativas de restauração do capitalismo no nosso país? Pode a nossa classe operária e os nossos camponeses, sem ajuda eficaz da classe operária dos países capitalistas e só com as suas próprias forças vencer a burguesia dos restantes países tal como fizeram com a sua própria burguesia? Doutra maneira: Pode a vitória do socialismo no nosso país considerar-se definitiva, isto é livre da ameaça de uma agressão militar e dos intentos de restauração do capitalismo, mesmo enquanto o capitalismo tenha apenas triunfado num só país e que o cerco capitalista continue a existir?

Tais são os problemas relacionados com o SEGUNDO aspecto da questão da vitória do socialismo no nosso país.

O leninismo responde a estes problemas negativamente. O leninismo ensina que «vitória definitiva do socialismo» no sentido duma garantia absoluta contra a restauração das relações burguesas, só é possível numa escala internacional. (Veja-se a conhecida resolução da XIV Conferência do Partido Comunista da U.R.S.S.). Isto significa que a ajuda eficaz do proletariado internacional constitui uma força sem a qual não poderá ser resolvido o problema da vitória definitiva do socialismo num só país. Isto não significa evidentemente que devamos permanecer de braços cruzados à espera de uma ajuda exterior. Ao contrário, a ajuda do proletariado deve ser ligada ao nosso trabalho, para o reforçamento da defesa do nosso país, para o reforçamento do nosso Exército Vermelho e da nossa Marinha Vermelha, para mobilizar todo o país para a luta contra a agressão militar e os intentos de restauração das relações burguesas.

Eis aqui o que disse Lênine a esse respeito:

«Vivemos, não apenas num estado, mas também NUM SISTEMA DE ESTADOS, e a existência da República Socialista ao lado dos Estados imperialistas é inconcebível durante um largo período de tempo. Por fim terá que triunfar ou um ou outro. E enquanto isto não aconteça são inevitáveis as mais terríveis batalhas entre a República Soviética e os Estados burgueses. Isto quer dizer que a classe dominante, o proletariado, se quer dominar e se domina, deve demonstrá-lo, também, com a sua organização militar» (Tomo XXIV, página 122, edição russa.)

E mais adiante:

«Acho-nos rodeados de homens, de classes, de governos que manifestam abertamente o seu ódio contra nós. Não se pode es-

quecer que nos achamos sempre a um triz da invasão» (Tomo XXVII, página 117, edição russa).

Isto está dito rude, clara e sinceramente, com retidão e sem reboço, tal como Lênine sabia falar.

Sobre a base destas premissas, diz-se nas «Questões do Leninismo», de Stáline:

«A vitória definitiva do socialismo é a plena garantia contra os intentos de intervenção e, por conseguinte, de restauração, já que um intento de restauração, por pouco sério que fôsse, não pode ter lugar mais do que por um importante apoio exterior, mais do que com um importante apoio do capitalismo internacional. Daí que o apoio à nossa Revolução, por parte dos operários de todos os países e, com maior razão, a vitória destes operários, ainda que não fôsse mais do que nalguns países, constitui a condição necessária para uma absoluta garantia do primeiro país vitorioso contra os intentos da intervenção e da restauração: a condição necessária para a vitória definitiva do socialismo.»

Seria verdadeiramente ridículo e estúpido cerrar os olhos ante a existência do cerco capitalista e pensar que os nossos inimigos do exterior — os fascistas, por exemplo — não tentarão a ocasião de desencadear uma agressão armada contra a U.R.S.S. Somente podem pensar deste modo os fanfarrões cegos ou os inimigos encobertos que querem adormecer o povo. Não seria menos ridículo negar que, no caso do menor êxito da intervenção militar, os intervencionistas intentarão destruir o regimen soviético e restabelecer o regimen burguês nas regiões que ocupassem. Não restabeleceriam Denikin e Koltchak o regimen burguês nas regiões que ocupavam? Em que são melhores os fascistas que Denikin ou Koltchak? Negar o perigo de uma intervenção militar e das tentativas de restauração enquanto existe o cerco capitalista, só podem fazê-lo os intriguistas ou os inimigos encobertos, desejosos de dissimular a sua hostilidade com fanfarronadas e que tratam de desmobilizar o povo. Mas pode-se considerar como definitiva a vitória do socialismo num só país se este se encontra no cerco do capitalismo e se não está completamente garantido contra o perigo da intervenção? Não está.

Assim temos posta a questão da vitória do socialismo num só país.

Por conseguinte esta questão abarca dois problemas diferentes:

a) — O problema das relações INTERIORES do nosso país, isto é, da vitória sobre a nossa burguesia e da edificação do socialismo integral, etc..

b) — O problema das relações EXTERIORES do nosso país, isto é, a garantia completa do nosso país contra os perigos de uma intervenção militar e a restauração. Já resolvemos o primeiro problema, visto que a nossa burguesia já está liquidada, e que o socialismo está constituído no essencial. Isso chama-se entre nós a vitória do socialismo, ou mais exactamente: a vitória da edificação socialista num só país. Poderíamos dizer que esta vitória era definitiva se o nosso país se encontrasse sobre uma ilha e à roda dela não houvesse uma quantidade de outros países, os países capitalistas. Mas como não vivemos numa ilha, mas num «sistema de Estados», uma grande parte dos quais é hostil ao país do socialismo, criando-se desta maneira o perigo duma intervenção e duma restauração, proclamamos clara e honradamente que a vitória do socialismo no nosso país ainda não é definitiva. Por conseguinte, deduz-se disto que, por agora, não está resolvido o segundo problema e que ainda se terá que resolver. Mais ainda: é impossível resolver o segundo problema do mesmo modo que resolvemos o primeiro, isto é, unicamente com os esforços do nosso país. Só pode resolver-se o segundo problema, conjugando-se os sérios esforços do proletariado internacional com os esforços ainda maiores de todo o nosso povo soviético. É necessário reforçar e consolidar os laços proletários internacionais entre a classe operária da U.R.S.S. e a classe operária dos países burgueses. É preciso organizar a ajuda política da classe operária dos países burgueses à classe operária do nosso país perante a eventualidade de uma agressão militar contra o nosso país, assim como é preciso organizar uma ajuda eficaz da classe operária do nosso país à classe operária dos países burgueses. Há que reforçar e consolidar por todos os meios o nosso Exército Vermelho, a nossa Marinha Vermelha, a nossa Aviação Vermelha e a nossa sociedade de estímulo para a defesa aéreo-química. É preciso manter todo o nosso povo num estado de mobilização tal, que possa estar disposto a fazer frente ao perigo de uma agressão militar, para que nenhum «azar», nenhuma manobra dos nossos inimigos exteriores possa colher-nos desprevenidos.

Depreende-se da vossa carta que o camarada Urojenko se mantém noutro ponto de vista, não de todo leninista. Assegura, segundo parece, que «temos agora a vitória definitiva do socialismo e a absoluta garantia contra a intervenção e a restauração do capitalismo». É indubitável que o camarada Urojenko está completamente enganado. Esta afirmação do camarada Urojenko só pode explicar-se pela incompreensão da realidade ambiente e pelo desconhecimento dos elementares princípios do leninismo, ou pela estéril jactância de um jovem burocrata, enfatuado da sua pessoa. Se na realidade «temos uma perfeita garantia contra a intervenção e a restauração do capitalismo», temos necessidade depois disto de um po-



SEMANA INTERNACIONAL

Manifesto do P.C. Austríaco

Dedicado aos defensores dos traidores

A cegueira, a passividade criminosos dos governos dos grandes países ditos democráticos, continua a consentir na agressividade dos estados totalitários, ficando os pequenos países abandonados aos apetites vorazes dos estados fascistas.

Ainda estavam quentes os cadáveres dos assassinados de Viena, ainda as portas das cadeias estavam abertas para receber os comerciantes judeus, como o banqueiro Rochild, o financeiro Bosel, os sábios de renome mundial, como Freud, o cirurgião Neuman, o psicólogo Loewi, recente prémio Nobel, já a Polónia enviava um ultimatum à pequena Lituânia ultimatum com exigências afrontosas para a dignidade deste país. O povo letão quis resistir, mas como o poderia fazer com o abandono das grandes nações, que cobardemente a aconselharam a ceder às exigências polacas?

Como poderia um país pobre, com menos de 3 milhões de habitantes, resistir aos 30 milhões de polacos apoiados na Itália e na Alemanha?

Os governos dos países democráticos, parece estarem cegos como morcegos, na feliz expressão de Loyd George.

No Brasil, foi descoberta uma Intentona revolucionária, organizada pelos integralistas, — fascistas da esquerda — para apressarem a fascisação do país, talvez por acharem que Getúlio Vargas marcha devagar.

Na Espanha, o bravo e heróico povo espanhol resiste à investida fascista, fazendo desastres consideráveis ao inimigo, tanto em bens como em material.

Na China, o exército chinês, temperado na luta, ocasiona derrotas consideráveis ao invasor, fazendo-o recuar reconquistando vastas regiões que os japoneses tinham ocupado.

Manifesto aos portugueses mercenários de Franco, editado pelo Commissariado de Guerra de Espanha

PORTUGUESES!

Não tendes o direito de participar no assassinato do povo espanhol. O povo espanhol sente pelos portugueses um carinho fraternal. Somos dois povos irmãos. Os trabalhadores de Espanha lutam contra os traidores do seu país; lutam pela sua independência e pelas suas liberdades. O dever de todos os portugueses é ajudar os irmãos espanhóis. A vitória da República Espanhola será a vitória da vossa querida República e a salvação do vosso bonito Portugal, que Salazar traiçoeiro há 11 anos. Passem-se para o campo dos verdadeiros espanhóis. A vitória da República Espanhola ajudará a libertar da miséria os trabalhadores de Portugal.

Esperamo-vos de braços abertos. Somos vossos irmãos. Queremos salvar as vossas vidas. Conosco tereis bom comer e vestir. Tereis dinheiro para as vossas famílias, que muitas necessidades estão passando. No campo de Franco encontrareis inevitavelmente a morte.

Esperamo-vos. Esperamo-vos.

Ao povo da A'ustria!

A todos os povos da Europa e do Mundo!

Pela força militar, Hitler submeteu a A'ustria ao seu jugo, Hitler quer fazer pisar pelas botas dos seus soldados a vontade de liberdade do povo austríaco. Ele quer instalar na A'ustria a sua dominação.

A três dias do plebiscito que os seus agentes pediam com grandes gritos há anos, ele atacou. Fez isto por medo da vontade do povo austríaco, por medo do resultado do plebiscito que teria marcado a vontade de liberdade e de independência da esmagadora maioria do povo, por medo da derrota que teria a 13 de Março.

Berchtesgaden tinha tornado 10 vezes maior a resistência do povo. Todas as forças populares começavam a reunir-se para a defesa do país contra a barbárie fascista.

Contra esta frente única do povo austríaco, Hitler lançou os seus canhões, os seus tanks, os seus aviões.

Povo da A'ustria!

Defende-te! Resiste aos invasores estrangeiros e aos seus agentes.

Uni-vos, católicos e socialistas, operários e camponeses! Mais do que nunca, juntai-vos numa frente única de austríacos! Todas as diferenças de opinião, todas as divisões de partidos se apagam perante o dever sagrado que se apresenta hoje ao povo austríaco: Juntai-vos contra Hitler.

União para expulsar as tropas Hitlerianas para fora da A'ustria.

Operários, sede firmes! Sede unidos e fiéis às orgulhosas tradições da classe operária austríaca. Não vos curveis perante o terror! Fazei das fábricas bastiões de resistência! Não deixeis esmagar as vossas organizações sindicais!

Soldados, oficiais, agentes da força pública que sois fiéis à Pátria Austríaca, uni-vos ao povo. Enfileirai-vos na frente da resistência encarniçada a Hitler e seus agentes.

Povo austríaco! Defende-te. Traduz nos actos a palavra de ordem: vermelho-branco-vermelho até à morte!

Que o fascismo alemão o saiba bem! Que todo o mundo civilizado o ouça! O povo austríaco não aceitará nunca esta dominação estrangeira instaurada pela força das baionetas e dos tanks. O povo austríaco tevanta-se animado dum ódio implacável contra os tiranos fascistas.

E mesmo se os canhões hitlerianos triunfaram em 11 de Março, nessa mesma data a luta da libertação nacional do povo austríaco começou e não acabará senão com a queda da ditadura das baionetas de Hitler.

Povos do mundo!

Escutai a voz da A'ustria! Escutai a voz dum povo que ama acima de tudo a sua liberdade e a sua independência, dum povo de que o mundo inteiro ama a cultura e de quem ninguém é inimigo.

Escutai a sua voz e ajudai-a, ajudai-a, ajudai-a!

Não tolereis que roubem a este povo a sua independência, a sua magnífica cultura e a sua liberdade! Não se trata, apenas, da existência deste povo nem da paz no Danúbio, mas da paz na Europa. Amanhã, os piratas e os que fazem a guerra de camisas castanhas lançar-se-ão da mesma maneira contra outro povo.

Escutai os ensinamentos do exemplo austríaco! Cada recuo, cada capitulação diante dos que fazem a guerra, encoraja o fascismo hitleriano para novas agressões. Hitler não quer a paz; ele atira as suas baionetas ao ataque. Hitler odeia a frente dos povos pacíficos: quer dominar os povos.

Povos da Europa!

Aprendei com o exemplo austríaco.

Resposta do camarada Stáline

Continuado da página 3

deroso Exército Vermelho, de uma Marinha Vermelha, de uma Aviação Vermelha, de uma poderosa sociedade de estímulo para a defesa aéro-química, de reforçar e consolidar os laços proletários internacionais? Não valeria mais empregar noutros fins os mil hares de milhões que gastamos para reforçar o Exército Vermelho e reduzi-lo ao mínimo e ainda chegar a licenciá-lo completamente? As pessoas tais, como o camarada Urojenko, até se subjectivamente são fiéis à nossa causa, são objectivamente perigosos para ela pois, voluntariamente ou não, (não importa), com a sua jactância, adornam o nosso povo, desmobilizam os operários e os camponeses e ajudam os inimigos a colher-nos de improviso em caso de complicações internacionais.

Quanto ao que me dizes, camarada Ivanof, que «te tiraram do teu trabalho de propagandista e que se põe o caso de saber se deves permanecer nas Juventudes Comunistas», não tens nada a temer. Se os dirigentes do Comité Regional das Juventudes Comunistas desejam parecer-se verdadeiramente com o sub-oficial Prichibeief, aquele personagem de Tchekof, podemos estar certos de que perderão. No nosso país não se querem Prichibeiefs.

Julga agora se o passo citado do livro «as Questões do Leninismo», relativo à vitória do socialismo num só país, envelheceu. Eu mesmo desejaria que tivesse envelhecido para que não existissem mais no mundo estas coisas desagradáveis, com o cerco capitalista, o perigo duma agressão militar, o perigo da restauração do capitalismo, e assim sucessivamente. Infelizmente, estas coisas desagradáveis continuam existindo.

(STÁLINE)

Fazendo a sua defesa Bukharine declarou:

«Não foram as torturas que me quebraram, mas as reflexões a que me entreguei na solidão da minha prisão. Quando nos aproximamos da morte os egoísmos desaparecem... Eu vi a vitória da URSS; eu compreendi que já não havia para mim nenhuma razão de morrer, nem nenhuma razão para viver como inimigo da URSS. Estou aos pés da URSS e aos pés do Partido e tenho esperança que este processo seja o último. Convencido de que o futuro do país está assegurado, aceito qualquer decisão.»

Bukharine declara que é possível que a II Internacional peça ao Tribunal a comutação da sua pena, mas que regeita esse auxílio estrangeiro e eventual.

—Minha sorte, diz ele, deve depender exclusivamente dos juizes soviéticos.

Declarações dos reus no tribunal

Bucarine:—«Queríamos acabar com o poder soviético pela guerra com a cumplicidade da Alemanha e do Japão.»

Bessonov:—«Gorki goza duma grande influência na URSS e na Europa ocidental, declarou Trotski; direi a Piatakof que é necessário exterminar fisicamente Gorki a todo o custo.»

Tchernov:—«Sim, eu recebia dinheiro do serviço de espionagem alemã; recebi cerca de 30.000 marcos assim como 150.000 rublos em divisas soviéticas.»

Chrestirskij:—«No tempo em que Lênine ainda vivia, depois do décimo congresso do Partido, Trotski fundara um centro para o seu grupo e tinha-me designado como um dos dirigentes. Não entrei na via do crime senão em 1932 quando a Instância de Trotski comecei as conversações com o general da Reichswehr von Seek...»

Velhos inimigos

Bucarine:—«França Tronca» órgão dos socialistas revolucionários da esquerda declarava no seu número de 25 de Abril de 1918: «A posição actual do nosso Partido solidariza-se com uma outra corrente do seio do Bolchevismo (com Bucarine, Pokrovetki e outros).»

Rykov:—«Já em 1917 Rykov interveio como adversário da tomada do poder, como adversário da revolução socialista, na CONFERÊNCIA DE ABRIL. Ele repecta a seguinte concepção menchevista: «o socialista não deve nascer a este, mas a oeste.»

Bucarine:—«Ele vê as tarefas da ditadura proletária virando para o passado e não para o futuro»—LENINE. «É diabólicamente versátil em política»—I. NINE